



FILMES
QUE AMO

— Lauro António

FORUM MUNICIPAL LUÍSA TODI – SETÚBAL, SEGUNDA-FEIRA, 19 DE OUTUBRO, DE 2020 - 21H00
MASTERCLASS: FILMES QUE EU AMO (Nº 40) - (entrada livre)

A GRANDE ILUSÃO

Título original: LA GRANDE ILLUSION

Realização: JEAN RENOIR (FRANÇA, 1937); Duração: 113 minutos

O ABSURDO DA GUERRA

A guerra é, para mim, o maior dos absurdos. Não compreendo como se podem organizar massacres de seres humanos em nome do que quer que seja. Até porque qualquer que seja o motivo para desencadear uma guerra esbarra desde logo num paradoxo: Toda a guerra se inicia para que as duas partes em conflito vivam melhor. Todos os dirigentes que enviam militares para a frente de combate o fazem em nome de ideais que, em princípio, servem ou deviam servir, os homens. Esquecem-se que o melhor ideal para servir a Humanidade será viver em paz e harmonia, resolvendo os conflitos em reuniões ou tribunais.

Não vejo como se pode mandar morrer e mandar matar em nome da felicidade da Humanidade. Eu sei que, por vezes, parece impossível escapar a esse desígnio. Por vezes os homens têm de defender a sua terra, as suas gentes, a sua liberdade. Mas o que me parece absurdo é chegar-se a esse ponto. A natureza humana é o que é, e, apesar de achar que a guerra é um absurdo e uma manifestação de crueldade e insanidade sem par, a verdade é que me parece ser uma inevitabilidade. Tem sido assim desde a pré-história até à actualidade e nada nos diz que algo se modifique. O homem vive dos conflitos e só sabe resolver (ou julgar resolver) esses conflitos pela força. É triste, mas é a realidade.



O cinema nunca esqueceu a guerra. Tem documentado, e bem, todos (ou quase todos) os conflitos dessas lutas pelo poder, camufladas pelas mais diversas teorias, religiosas, sociais, políticas. No fundo, luta-se por deter o poder e impor a sua vontade aos outros, em benefício próprio. Nas guerras não há ideais generosos. Luta-se pelo poder do fogo, na pré-história, luta-se pela posse do petróleo nas guerras actuais. "A Guerra do Fogo", de Jean-Jacques Annaud, fala-nos da pré-história, mas daí até "Estado de Guerra" ou "00,30. A Hora Negra",

ambos de Kathryn Bigelow, sobre o actual médio Oriente, nada mudou. E podemos citar, entre centenas de outros títulos, "A Rainha Margot", de Patrice Chéreau, "Henrique V", de Lawrence Olivier, "Spartacus", "Dr. Estranho Amor" ou "Horizontes de Glória", todos de Stanley Kubrick, "A Lista de Schindler" ou "O Regresso do Soldado Ryan", de Steven Spielberg, "Ran", de Akira Kurosawa, "Apocalypse Now", de Francis Ford Coppola, "A Oeste Nada de Novo", de Miles Lewistone, "Inferno na Terra", de Billy Wilder, "Dunkirk", de Christopher Nolan são todos eles bons exemplos do mau exemplo que é guerra. Poderia citar muitos mais e todos eles excelentes. Não sei se felizmente, se infelizmente, a guerra tem dado excelentes obras de arte, na pintura, na literatura, no cinema. As obras de arte vivem do conflito, e que melhor conflito do que a guerra?

Entre os filmes de guerra mais admirados de todos os tempos estão "Casablanca" de Michael Curtiz, e "A Grande Ilusão", de Jean Renoir. Não passei pessoalmente pelo campo de guerra, apesar de ter feito a recruta em plena "guerra do ultramar", como então era chamada. Mas iniciei a recruta em Mafra, em Dezembro de 1969 e mantive-me no activo até meados de 1972, mas nos Serviços Cartográficos do Exército, na Divisão de Foto Cinema, onde tive como chefes o Major Baptista Rosa e, ao que me lembro, o coronel Balula Cid. Tive camaradas que foram do Júlio Isidro ao Carlos Cruz, do Rão Kyao ao Botelho Moniz. Recordo alguns bons momentos, mas globalmente, sobretudo os seis meses de recruta em Mafra, foram dos momentos mais dramáticos e traumáticos da minha vida. Nunca tive sequer apetência pelo exercício físico, apesar da minha aparência que pressupunha uma outra ligeireza desportiva, nem nunca suportei bem a ideia de fazer a guerra.



Para mim a guerra é matar pessoas, quer sejam brancas ou vermelhas, amarelas ou pretas ou mesmo azuis ("Avatar"). Por isso sofri duplamente, com o treino duríssimo e com a perspectiva de ir parar a uma colónia de arma na mão. Se já não admirava a guerra, a partir daí o horror agravou-se. "A Grande Ilusão" fala da guerra, mas sublinha, apesar do absurdo que é, a grandeza humana que pode ter.

A GRANDE ILUSÃO

De Jean Renoir podem amar-se muitos filmes, todos eles considerados obras-primas indiscutíveis, por uma ou outra razão, ou por várias em simultâneo. Sei que "La Grande Illusion" (1937) não reúne em seu redor a unanimidade de um "A Regra do Jogo",

mas é o meu filme preferido do autor, um dos mais belos filmes de toda a história do cinema que tem a guerra como tema, talvez por esta não estar presente, a não ser como pano de fundo, e o que vemos são homens marcados por essa guerra. Este é o filme pacifista por excelência. São razões mais do que suficientes para se amar este filme que tem muito de autobiográfico e que, apesar de não ser uma obra perfeita na sua concepção (acusam-se-lhe alguns defeitos na estrutura do argumento), será das mais genuinamente "renoireanas", talvez precisamente por esse desequilíbrio tão caro a um autor que gostava de arriscar, e se arriscava em cada novo título.

A génese de "A Grande Ilusão" remonta aos tempos da I Guerra Mundial, quando Jean Renoir foi ferido em combate e permaneceu um dia nas linhas avançadas, entre franceses e alemães, esperando que alguns soldados o fossem buscar de burro e o trouxessem para o hospital, onde lhe queriam amputar a perna gangrenada.

Foi a mãe de Renoir que o impediu. A ferida ficou para todo o sempre (Renoir coxeou até final da vida), mas a perna também permaneceu no seu lugar e as recordações desse tempo de guerra, talvez da última guerra com "fair play" (se é que alguma guerra o teve alguma vez!). Mas se é a Guerra de 1914-18 que lhe está na origem, é a II Guerra Mundial (que se pressentia já) aquela a que Renoir se dirige.

O argumento, escrito de colaboração por Renoir e Charles Spaak, e que só foi possível concretizar com o apoio de Jean Gabin e Erich von Stroheim, a partir do momento em que aceitaram interpretar os papéis que os notabilizaram, funciona com um prólogo, e três tempos que criam entre si alguns hiatos temporais que desarmaram muita gente: Jean Gabin é Maréchal, o piloto francês que parte em missão, levando consigo o capitão do Estado-maior Boeldieu (Pierre Fresnay). Digamos que esta muito sucinta definição de época e de personagens funciona como uma introdução, a que se segue a primeira elipse da obra: Maréchal e Boeldieu aparecem a dar entrada num campo de prisioneiros alemães, calcula-se por o avião onde seguiam ter sido abatido. Quem os recebe é o capitão von Rauffenstein (Erich von Stroheim), que os saúda civilizadamente e os convida, "enquanto oficiais", a virem almoçar na messe. Seguem-se todas as sequências rodadas num quartel de Colmar (mandado construir por Guilherme II), com vários grupos de prisioneiros arrumados por países, franceses, ingleses, russos..., que por vezes

confraternizam entre si, e inclusive com os alemães, nunca perdendo de vista que um campo de prisioneiros é um "local donde se deve fugir". Logo, as tentativas de fuga sucedem-se. Os franceses, onde se integram Maréchal e Boeldieu, escavam de noite um túnel no interior da sua caserna, juntamente com alguns outros, como o judeu Rosenthal, que vai alimentando as tropas (Marcel Dalio), ou Carette, o entusiasta do "music hall" (Júlien Carette).



Passam os meses, até que um dia alguns prisioneiros são enviados para uma outra prisão de máxima segurança, no castelo de Wintersborn, uma fortaleza donde ninguém conseguira escapar, dirigida por von Rauffenstein. Terceiro tempo para esta narrativa que agora centraliza a sua atenção sobre três homens em confronto directo, Maréchal, Boeldieu e von

Rauffenstein, e as relações que entre eles se vão estabelecendo.

Este terceiro acto relata a fuga de dois franceses em direcção à Suíça, e as reacções de von Rauffenstein, perante essa fuga e a sacrificada morte de Boeldieu. A guerra, portanto, é apenas uma referência longínqua, mas que condiciona obviamente toda a acção e toda a psicologia das personagens. É a guerra que lhes altera o comportamento e introduz fissuras. Aparentemente nada une Boeldieu e Maréchal. O que Jean Renoir tenta mostrar nesta obra é a solidariedade de classe que se manifesta para lá da divisão que se impõe entre homens tornados inimigos por se encontrarem em lados opostos do conflito. Ou numa frase de Rosenthal: "As fronteiras são uma invenção, a natureza não tem nada a ver com isso." A solidariedade humana pode, e deve, ser mais forte que tudo o mais. A grande ilusão?

Aparentemente, há muito mais a unir von Rauffenstein e Boeldieu, do que aquilo que poderá juntar Boeldieu e Maréchal. Von Rauffenstein e Boeldieu são os derradeiros aristocratas numa guerra que irá acabar com a aristocracia. Por isso eles sabem que, terminado o conflito, não terão lugar nessa sociedade do futuro, nessa "grande ilusão". "Qualquer que seja o desfecho da guerra, ele será o fim dos Boeldieu e dos von Rauffenstein", afirma este último. Quando Boeldieu morre, von Rauffenstein não tem pejo de declarar que "para homens comuns, morrer na guerra é uma tragédia, mas para homens como eu e você, é uma honra." Depois desta guerra não haverá solução para "homens como nós". Boeldieu morreu, "Eu falhei".

É a velha "ordem do mundo" que se afunda, enquanto uma outra ganha ascendente, perante a nostalgia de uns e a esperança de outros. "Nem eu nem você podemos parar a marcha do tempo," diz Boeldieu. A diferença entre um francês lúcido e um alemão agarrado ao passado. Antes, já von Rauffenstein havia perguntado a Boeldieu se a palavra de honra dele valeria o mesmo que a palavra de honra de um Maréchal ou de um Rosenthal (veja-se a referência óbvia a um originário do proletariado ou um judeu). O sacrifício de Boeldieu, que aceita morrer para promover precisamente a fuga (isto é: a salvação desses dois companheiros de cativeiro), fica a dever-se, segundo von Rauffenstein, aos ideais da Revolução Francesa, o que não acontecera na Alemanha. Também Boeldieu tem consciência desse facto, quando afirma que não se sacrifica por Maréchal: "Não faço nada por si pessoalmente". O que ele faz, fá-lo em nome de ideais e de valores que defende. E porque do cativeiro só se pode aspirar à fuga.

Mas há muitas outras anotações ao longo de "A Grande Ilusão" que nos mostram o mesmo humanismo, essa solidariedade, de classe, é certo, mas essencialmente humana, que ultrapassa as barreiras do país de origem; um soldado alemão oferece cigarros e uma gaita de beijos a Maréchal, quando este se encontra numa cela solitária, ou as relações que se estabelecem entre os presos em fuga e uma aldeã alemã que os aceita recolher em sua casa (e se apaixona por Maréchal, a quem leva para a cama, numa sequência que esteve proibida dos dois lados do conflito, até 1958) que mostra também o pacifismo desta obra admirável, que tem outras observações neste sentido. Por exemplo, as velhas camponesas que espreitam pela porta do campo de prisioneiros, e que lamentam a sorte dos jovens soldados alemães em treino, e a

reflexão que se segue: "Crianças que brincam à guerra, soldados que brincam como crianças" (referindo-se aos soldados mascarados de mulher, durante a representação). "A Grande Ilusão", muito apreciada por Roosevelt ("Um filme que todos os democratas devem ver!"), mas proscrita por Goebbels (que mandou destruir o negativo, pondo em risco a existência futura desta obra-prima), esteve na base de muitas outras obras posteriores, podendo mesmo assinalar-se citações óbvias, como em "A Grande Evasão", de John Sturges (o túnel aberto na caserna), ou "Casablanca" (a "Marselhesa" cantada frente aos alemães).

Sem o elenco que Renoir conseguiu reunir, "A Grande Ilusão" não teria o peso mítico que tem. Mas sem a segurança da direcção de actores, o milagre também não teria acontecido. Gabin é fabuloso, na sua composição de um operário sem grande cultura (Maréchal: "O teatro é demasiado profundo para mim. Prefiro o ciclismo."), Fresnay é magnífico na sua fleumática interpretação, e Stroheim absolutamente portentoso na forma como ajudou a criar e impor a personagem de von Rauffenstein (é dele a ideia da figura ostentar colarinho médico em função da sua doença - duas vértebras partidas). Há uma sequência sublime, quando von Rauffenstein assiste à morte de Boeldieu, e se dirige à janela, visto de costas, onde corta uma flor (deixando-se o resto do gesto em suspenso). Uma obra admirável de um autor que marcou para sempre a história da arte do séc. XX. Tal como seu pai, o pintor Auguste Renoir.



A GRANDE ILUSÃO

Título original: La Grande Illusion

Realização: Jean Renoir (França, 1937); **Argumento:** Jean Renoir, Charles Spaak; **Produção:** Albert Pinkovitch, Frank Rollmer; **Música:** Joseph Kosma; **Fotografia (p/n):** Christian Matras; **Operador:** Claude Renoir; **Montagem:** Marthe Huguet, Marguerite Renoir e Renée Lichtig (restauro da cópia em 1958); **Direcção artística:** Eugène Lourié; **Decoração:** Eugène Lourié; **Guarda-roupa:** René Decrais; **Maquilhagem:** Raffels; **Direcção de produção:** Pierre Blondy, Raymond Blondy; **Assistente de realização:** Jacques Becker; **Som:** Joseph de Bretagne;

Intérpretes: Jean Gabin (Maréchal), Dita Parlo (Elsa), Pierre Fresnay (Boeldieu), Erich von Stroheim (von Rauffenstein), Julien Carette, Georges Péclet (um oficial), Werner Florian (Artur) Jean Oasté (professor), Sylvaïn Itkine (Demolder), Gaston Modot (engenheiro), Marcel Dalio (Rosenthal), Jacques Becker (oficial inglês), Albert Brouett, Claude Sainval, Michel Salina, etc.

Duração; 114 minutos; Distribuição em Portugal (vídeo VHS): Costa do Castelo; Distribuição em Portugal (DVD): inexistente; Distribuição internacional (DVD): The Criterion Collection; Classificação etária: M/12 anos. Versão francesa com legendas em inglês.

FORUM MUNICIPAL LUÍSA TODI-SETÚBAL | SEGUNDA-FEIRA, 26 DE OUTUBRO, DE 2020
MASTERCLASS: FILMES QUE AMO Nº41 21H00 (entrada livre)

O HOMEM DA CÂMARA DE FILMAR

Título original: Chelovek s kino-apparatom

Realização: Dziga Vertov (URSS, 1929)

Classificação etária: M/ 12 anos | 68 MINUTOS